



“Questão Social, Pandemia e Serviço Social: em defesa da vida e de uma educação emancipadora”

Eixo temático: Ética, Direitos Humanos e Serviço Social

Sub-eixo: Ética, Direitos Humanos e enfrentamento das expressões cotidianas da alienação e da barbárie

AS RELAÇÕES CAPITALISTAS NO CÁRCERE: hierarquia, poder e sociabilidade,
fios de uma trama que urdem a microeconomia no campo social da prisão

HELENÓRIA DE ALBUQUERQUE MELLO ¹

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo analisar a microeconomia no campo social da prisão, na particularidade da Penitenciária Juiz Plácido de Souza (PJPS), como um mecanismo de reprodução das diferenças sociais. Na PJPS, a existência da circulação de dinheiro em espécie entre reeducandos sinalizou a existência de uma microeconomia. Isto posto, o foco das observações centrou-se nas relações capitalistas que se estabelecem entre esses e como alimentam a engrenagem que movimenta a microeconomia no campo social da prisão. Nesse sentido, discorreremos acerca de alguns elementos que dão os contornos desse tecido social formado por muitas dobras: a prisão.

Palavras-chave: Prisão; relações capitalistas; microeconomia; capital simbólico, capital econômico.

¹ Profissional de Serviço Social. Instituto Federal De Educação, Ciência E Tecnologia Da Paraíba

ABSTRACT

The present study aims to analyze microeconomics in the social field of prison, in particular the Juiz Plácido de Souza Penitentiary (PJPS), as a mechanism for the reproduction of social differences. At the PJPS, the existence of cash circulation among inmates signaled the existence of a microeconomy. That said, the focus of the observations centered on the capitalist relations that are established between them and how they feed the gear that moves the microeconomy in the social field of the prison. In this sense, we will discuss some elements that give the contours of this social fabric formed by many folds: the prison.

Keywords: Prison; capitalist relations; microeconomics; symbolic capital, economic capital.

1 INTRODUÇÃO

A prisão, mundo de tempo lento, onde indivíduos criam e recriam estratégias de sobrevivência, resistem dia a dia a um tempo que adquire um compasso próprio para quem espera pela liberdade. Local permeado por ritos, regras e simbolismos, cujo conhecimento, embora essencial, não assegura relações interpessoais estáveis e não exclui do convívio cotidiano o imprevisível; neste campo social, a vida é objeto de constantes negociações. Trata-se de uma convivência *sui generis* e, em alguns aspectos, destoa de qualquer outra realidade que se possa conhecer na sociedade livre.

Também conhecida como reino da barbárie, a prisão, local sombrio com

ares medievais, onde até mesmo os mais afeitos a atos de perversidade veem suas forças se esvaírem, num processo que segrega, embrutece e imobiliza, em meio a um cotidiano caótico, complexo e violento, marcado pela promiscuidade e pelo ócio.

Tendo em vista a complexidade que envolve o aprisionamento, não há como dissociar a Política Penitenciária das demais políticas sociais. No atual estágio social em que nos encontramos, a leitura da realidade já não pode ser feita de forma sumária; para alcançarmos um desenvolvimento social político e econômico, tendo por lastro uma convivência social cidadã, temos que operacionalizar ações na perspectiva do direito. No entanto, o que se observa é o contingenciamento de recursos e a falta de uma interface sistêmica entre Política Penitenciária e políticas sociais, como: Educação, Cultura, Saúde, Habitação, Esporte, Qualificação Profissional, Trabalho, Emprego e Renda, entre outras, o que coloca as unidades prisionais do país em estado de penúria.

Por outro lado, a prisão é cenário de expiação de uma sociedade que se satisfaz com as imagens veiculadas pela mídia, que confirmam os estereótipos e produzem uma realidade nefasta, reforçando o estigma que acompanhará o reeducando durante o cumprimento da pena, e para além dela. Desta feita, a herança que se pode ter de um familiar preso é a extensão da pena, é ser a mãe do preso, a mulher do preso, a irmã do preso, a filha do preso... não sem motivo, refiro-me ao gênero feminino, pois a visita social em Unidades Prisionais, em sua grande maioria, é realizada por mulheres.

Local de segregação social hegemônica, a prisão é um microcosmo periférico onde habita uma sociedade contida por muros, cercas e grades, em condições de habitabilidade inóspitas. É permeado por sociabilidades visíveis e invisíveis, relações capitalistas lícitas (que acontecem na superfície) e as ilícitas (que são negociadas numa camada mais profunda), fios que urdem a microeconomia no campo social da prisão e modelam os contornos desse tecido social. Nele transitam pessoas em uma condição social homóloga, a privação de liberdade, no entanto, não exclui de alguns indivíduos a possibilidade de ostentar um *status* social, um estilo de vida que os irá diferenciar dos seus pares.

Nesse sentido, discorreremos acerca de alguns elementos que dão os

contornos desse campo social que é a prisão, onde coexistem dois sistemas: um oficial, ancorado no aparato jurídico, e um não-oficial, este não escrito. Sobre este último, basta adentrá-la para o reeducando entender como a engrenagem dos pavilhões se movimenta, qual o sentido do jogo e qual o seu local neste tecido social formado por muitas dobras.

É seguindo com Bourdieu (1980) que adentramos a prisão como um campo social, na busca de compreender a microeconomia urdida neste tecido social complexo, a partir das relações capitalistas que se estabelecem entre os reeducandos, mas não apenas com elas. Para Bourdieu (1980), as posições no espaço social não se definem apenas pela dimensão econômica; o autor enfatiza que o espaço social se define a partir do modo como se distribuem numa dada sociedade diferentes formas de poder ou propriedades essenciais de um campo.

No texto que segue, traremos reflexões iniciais acerca da microeconomia no campo social da prisão, na particularidade da Penitenciária Juiz Plácido de Souza² (PJPS), movimentada pelas relações capitalistas que se estabelecem entre os reeducandos, a partir da circulação de dinheiro em espécie, e que, no jogo social da prisão, cria classificações sociais com posições privilegiadas.

2 ESTRUTURA FÍSICA E FUNCIONAMENTO DA PJPS, UM BREVE RELATO

Antes de adentrarmos na discussão proposta para esse estudo, traremos um breve relato acerca da estrutura física e do funcionamento da Penitenciária Juiz Plácido de Souza. A referida Unidade Prisional possui dezesseis (16) pavilhões, e contava, em maio do corrente ano, com uma população carcerária de 1.932 homens; ao lado do prédio já existente, estão sendo construídos mais três (03) pavilhões que abrirão em torno de 1.000 novas vagas. Atualmente, cada pavilhão abriga em torno de 120 homens, distribuídos em celas, com exceção de um deles que é o menor e

2 Unidade Prisional, situada no Município de Caruaru, região Agreste do Estado de Pernambuco, vinculada à Secretaria Executiva de Ressocialização, destinada a homens sentenciados ao cumprimento de pena em regime fechado de segurança máxima.

abriga apenas os reeducandos concessionados que trabalham nos setores do primeiro andar, quais sejam: Direção; Segurança/Monitoramento; Identificação Penal/Arquivo Penal; Laborterapia; Administrativo; Psicossocial; Defensoria Pública; Vídeo Conferência; Copa; Cozinha/Refeitório³. Encontramos, ainda neste andar, um auditório e banheiros (feminino e masculino). Em todos os setores anteriormente citados existe a presença de reeducandos concessionados.

Na PJPS, além dos oitenta e cinco (85) concessionados⁴, encontramos ainda aqueles que trabalham como voluntários nos setores acima elencados, em Oficinas⁵ e na Cozinha/Padaria do pavimento térreo⁶. Eles são em número de 119 e têm direito apenas a remição pelo trabalho; a cada três dias trabalhados, terão um dia de pena diminuído. O trabalho voluntário, embora seja uma realidade na PJPS, não é recomendado nem validado pela Secretaria Executiva de Ressocialização. A condição de trabalho voluntário, para além da remição da pena pelo trabalho, poderá aproximar o reeducando da possibilidade de ser um concessionado com o surgimento de uma vaga.

3 Neste setor trabalham dez (10) reeducandos, todos concessionados, em sistema de rodízio durante a semana e final de semana, da seguinte forma: três (03) no preparo do café da manhã, quatro (04) no preparo do almoço e três (03) no preparo do jantar. As refeições preparadas e servidas nesse espaço são para os Servidores (Policiais Penais e demais profissionais civis).

4 São aqueles reeducandos que o Estado remunera pelo trabalho que executam em setores da PJPS, da seguinte forma: o valor pago é de 75% do valor vigente do salário mínimo, o que equivale a R\$ 909,00; deste valor, 25%, que corresponde ao valor de R\$ 227,25, é para a constituição do Pecúlio (depósito bancário para terem acesso quando em liberdade), e o valor de R\$ 681,75, que corresponde ao percentual de 75%, é pago diretamente ao reeducando que fica apossado do valor.

5 As Oficinas são setores de trabalho apenas de reeducandos, que, em sua maioria, são voluntários, com direito apenas a remissão da pena. Cada oficina tem um reeducando que é responsável pela Equipe que nela trabalha, são elas: Serralharia; Fabricação de Gesso; Manutenção/Conserto de Eletrodomésticos; Manutenção Elétrica/Hidráulica; Lavanderia; Confecção de Artesanato e Fabriquinho (oficina de costura onde trabalham 10 reeducandos confeccionando os uniformes de trabalho dos Servidores do Instituto Médico Legal de Caruaru – PE, dentre eles, apenas 02 são concessionados, contratados e remunerados pela Empresa RM - Terceirização, atualmente a única Empresa credenciada junto à Secretaria Executiva de Ressocialização para contratar mão de obra de reeducandos, os demais são voluntários). Localiza-se no pavimento térreo, na parte dos fundos da Unidade Prisional.

6 Local de preparo das refeições (café da manhã, almoço e jantar) e produção de pão francês e doce, para a população carcerária da PJPS, onde trabalham 35 reeducandos concessionados, sendo um deles responsável pela Equipe, trabalham em sistema de revezamento, em três turnos, durante a semana e final de semana.

A estrutura física da PJPS conta ainda com: Recepção; Setor de Radiocomunicação; Setor de Saúde⁷ (com leitos para internamentos rápidos e sala de sutura); Gabinete Odontológico; Parlatório (local destinado ao atendimento dos reeducandos pelos Advogados) e Escola (vinculada a Rede Pública Estadual), estes setores localizam-se no pavimento térreo da Unidade Prisional.

Na PJPS, disciplina, reclusão e vigilância incessante se erguem diante dos reeducandos; a disciplina se materializa em seus corpos e mentes, moldando desejos, escolhas e ações, de maneira sistemática, numa rotina diária, pobre de possibilidades e alternativas. A prisão é um espaço de controle social que submete pessoas reclusas a “minúcia dos regulamentos”, ao “olhar esmiuçante das inspeções” e ao “controle das mínimas parcelas da vida e do corpo”. (FOUCAULT, 1987, p. 121)

Na PJPS, o dia dos reeducandos inicia-se às 06h00 com o toque de uma sirene. Depois de acordarem, seguem para o banho e depois tomam o café da manhã em suas celas; quanto às demais refeições (almoço e jantar), assim como o café da manhã, todas são ofertadas pela Unidade Prisional. Após o café da manhã, aqueles que trabalham se organizam e seguem para os seus setores de trabalho, e os que estudam seguem para Escola, que funciona nos turnos matutino e vespertino. Para além do ensino regular, a PJPS, viabiliza a participação dos reeducandos em cursos profissionalizantes, ofertados por Instituições de ensino públicas e privadas, Sesi, Senai, entre outras instituições.

Aqueles que não trabalham permanecem no pavilhão, podendo ficar em suas celas ou na área de convivência coletiva, onde também é possível tomar o banho de sol, assistir à televisão, escutar música, interagir com os outros reeducandos, participar de jogos na quadra poliesportiva (caso seja o dia destinado ao seu pavilhão) e de outros jogos, como dama, xadrez baralho, sinuca e vídeo game (a participação nesses jogos possui algumas particularidades, sobre as quais trataremos mais adiante).

A higiene do espaço físico (celas, ambientes coletivos dos pavilhões e área

7 Os Setores de Saúde e Gabinete Odontológico são os únicos do pavimento térreo com reeducandos concessionados trabalhando.

administrativa) é algo exigido pela administração da Unidade Prisional e realizada pelos reeducandos. Durante o dia, os mesmos também lavam as suas roupas e organizam as suas celas. Existe uma regulamentação para o horário e o volume do som das TVs e dos rádios, tanto para os de uso coletivo, quanto para os de uso individual, podendo permanecer em um volume mais alto até às 21h00. Após às 21h00, o som deve permanecer em um volume mais baixo, e a partir das 22h00 as TVs e os rádios são desligados, as luzes são apagadas, todos se recolhem em as suas celas e o silêncio deve ser absoluto.

Na rotina da PJPS, os reeducandos contam com o atendimento de profissionais, tais como assistentes sociais, psicólogos, médicos, enfermeiros, técnicos de enfermagem, dentistas e defensores públicos. Para além desses serviços, tem-se aqueles destinados ao traslado para audiências e serviços de saúde, que são realizados pelos Policiais Penais.

Contam ainda com a visita social, que acontece nos finais de semana; os pavilhões são divididos em dias pares e ímpares, ou seja, a cada final de semana recebem a visita de um familiar, no sábado ou no domingo. Esse é um momento muito aguardado por aqueles que recebem visita de seus familiares, um momento para diminuir a saudade e minimizar o sofrimento imposto pela condição de privação de liberdade. Na prisão, o sofrimento é intrínseco ao ambiente.

A fala de um reeducando retrata o sofrimento como elemento constitutivo da pena:

Quando fui preso, a tristeza foi tomando conta de mim dia após dia, pedia a Deus forças para suportar, tinha dias que eu pensava que não aguentaria, passava umas besteiras pela minha mente, foi um sofrimento grande, fiquei com pressão alta, Síndrome do Pânico, fiquei muito ansioso, passei a tomar medicação controlada. Eu estou vivendo uma ciência aqui dentro, conheço todo o cotidiano, não me sinto preso aqui em cima, sou um trabalhador, como se estivesse em uma empresa. Pra quem trabalha o sofrimento é um pouco menor porque o dia passa mais rápido, quando chego lá embaixo fico um pouco triste, mas aí já estou cansado do dia de trabalho, tomo banho, janto, tomo meus remédios e vou deitar. O final de semana passa mais devagar, agora tem a vantagem de receber a visita. É um dia muito esperado, porque vou poder ver meus filhos, eles são pequenos, não entendem que estou preso, digo a eles que aqui é uma Empresa da Polícia e que trabalho aqui, digo que fico aqui direto porque tem muito trabalho, mas sei que vai chegar um momento que eles vão entender a realidade. (Reeducando, A)

Na PJPS, as regras que disciplinam a rotina e a convivência cotidiana nos

pavilhões, bem como possíveis alterações, são discutidas entre os reeducandos e o representante do pavilhão (chaveiro), a viabilidade será analisada por este último antes de encaminhá-las à Direção da Unidade Prisional, para avaliação e possível validação. No relato abaixo, veremos algumas regras na rotina de convivência dos pavilhões. Trata-se de uma espécie de regimento, este não escrito, mas todo reeducando tomará conhecimento ao ingressar:

O padrão é igual para todo mundo, não existe um dono da cela, um mais antigo que mande, não tem cabeça de linha; direito e deveres é igual para todos; tem que ter respeito com os irmãos pra o pavilhão ser de fé; não pode fazer *ladroíce* com um irmão; caneta de ouro ou robô, aquele que assume o B.O. [Boletim de Ocorrência] de outro não é permitido. Se não tiver ordem os maloqueiros crescem para cima de você que é o chaveiro, ou pra cima de qualquer outro. Isso gera conflito, aí chama a polícia e quando a polícia entra paga todo mundo e as regras endurecem mais. (Reeducando, C)

A situação em tela nos chamou atenção, pois, embora quase sempre exista nas Unidades Prisionais um líder de pavilhão ou de cela, que pode ser o morador mais antigo, aquele com mais posses, ou aquele considerado de alta periculosidade, esse é um reconhecimento validado apenas entre os reeducandos, mas não como um posto de trabalho, legitimado e remunerado pela Unidade Prisional, como no caso da PJPS. Para além da legitimidade institucional e da remuneração, esse posto de trabalho proporciona àquele que o assume uma centralidade no jogo social da prisão. O representante do pavilhão é um reeducando que ostenta um estilo de vida diferenciado, uma figura dotada de capital econômico e de capital simbólico, como veremos mais detalhadamente, no próximo item.

3. AS RELAÇÕES CAPITALISTAS E O JOGO SOCIAL NA PJPS

As reflexões que perpassam as relações capitalistas na Penitenciária Juiz Plácido (PJPS) e suas ressonâncias no jogo social da prisão são fruto de pesquisa social empírica **RELAÇÕES CAPITALISTAS E O PROCESSO DE SOCIABILIDADE NO COTIDIANO PRISIONAL**, realizada na referida Unidade Prisional. Foram

elaboradas, a partir de dados obtidos através de observações sistemáticas que aconteceram nos meses de maio e junho, do corrente ano, e da realização de encontros⁸ com um grupo de participantes⁹ composto por oito (08) reeducandos, para aplicação de um roteiro semiestruturado, de forma coletiva, por meio da técnica do grupo focal¹⁰. Os participantes foram escolhidos em função de suas posições no jogo social da prisão, sendo eles: reeducandos concessionados, representantes de pavilhão (chaveiro) e donos de cantina, e ainda por identificar nesses atores as condições objetivas que os fazem estar no jogo, ou seja, por movimentarem as relações capitalistas que alimentam a microeconomia na PJPS.

No campo social da prisão, as limitações e privações impostas aos reeducandos, que vão desde as previstas pelas instâncias judiciárias e administrativas, até aquelas impostas pelas “normas da casa”, sem contar com as que regem a vida cotidiana nos pavilhões estabelecidas pelos próprios reeducandos, serão sentidas em maior ou menor grau, em função do capital econômico e do capital simbólico que detêm – esses capitais definem quem está no jogo e quais

8 Foram quatro (04) com duração de 03 horas, cada encontro. Com a participação de duas (02) moderadoras.

9 Ao grupo composto por oito (08) participantes foi apresentado um termo de autorização para participação da pesquisa: RELAÇÕES CAPITALISTAS E O PROCESSO DE SOCIABILIDADE NO COTIDIANO PRISIONAL, bem como, para gravação de voz, transcrição e utilização de suas falas, mediante o compromisso da pesquisadora com os seguintes direitos: 1. Ter acesso à gravação e transcrição dos áudios; 2. Ter a garantia que os áudios coletados serão usados exclusivamente para gerar informações para a referida pesquisa e outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas, livros e anais de eventos científicos; 3. Em nenhuma via de publicação as informações geradas a partir de suas falas serão identificadas com seus nomes reais, utilizaremos nomes fictícios; 4. Os áudios serão obtidos de forma a resguardar a privacidade dos participantes; 5. Ter a liberdade para interromper a participação na pesquisa a qualquer momento.

10 Para Dias (2000), *grupo focal* define-se como uma discussão conjunta, entre seis e doze participantes (alguns autores delimitam em dez a quantidade máxima de participantes), orientada por um moderador/facilitador, cujas funções englobam “[...] a elaboração do guia de entrevista, a condução da discussão, a análise e o relato de seus resultados”. (DIAS, 2000, p. 146). Para Morgan (1997), o grupo focal difere da entrevista em grupo porque não se trata apenas de uma sequência de perguntas e respostas, pois prevê a interação entre os participantes que, no decorrer da discussão, podem rever suas opiniões e refazer suas afirmações, enquanto reelaboram seus pontos de vista. “Como uma forma de pesquisa qualitativa, grupos focais são basicamente entrevistas em grupo, embora não no sentido de se alternar as questões de um pesquisador com as respostas dos participantes da pesquisa. Em vez disso, a confiança está na interação dentro do grupo, baseada em tópicos fornecidos pelo pesquisador, que geralmente faz o papel de moderador [...]” (MORGAN, 1997, p. 2. Tradução nossa).

serão meros expectadores.

No jogo social da prisão, as classificações sociais se apresentam nessa teia complexa, definindo a posição dos jogadores e as regras do jogo, como num tabuleiro; nele, os jogadores devem sempre estar um passo à frente, e movimentam-se a partir das relações objetivas entre as várias posições por eles ocupadas, mediante suas estratégias, interesses, capitais econômicos e capitais simbólicos. De acordo com Bourdieu (1989):

O mundo social, por meio sobretudo das propriedades e das suas distribuições, tem acesso, na própria objectividade, ao estatuto de *sistema simbólico* que, [...] se organiza segundo à lógica da diferença, do desvio diferencial, constituído assim em *distinção* significativa. O espaço social e as diferenças que nele se desenham “espontaneamente” tendem a funcionar simbolicamente como *espaço dos estilos de vida* ou como conjunto de *Ständ*, isto é, como conjunto de grupos caracterizados por estilos de vida diferentes. (BOURDIEU, 1989, p. 144)

Na Penitenciária Juiz Plácido de Souza, a permissão da circulação de dinheiro em espécie entre os reeducandos, a posse e a guarda de valores sinalizaram a existência de uma microeconomia nesse campo social, o que também nos sinalizou quanto a um esquema de classificações sociais, que se revelam no cotidiano dos pavilhões.

Os agentes sociais que são constituídos como tais em e pela relação com um espaço social (ou melhor, com campos) e também as coisas na medida em que elas são apropriadas pelos agentes, por tanto constituídas como propriedades, estão situadas num lugar do espaço social que se pode caracterizar por sua posição relativa pela relação com os outros lugares (acima, abaixo, entre etc.) e pela distância que os separa deles [...]. (BOURDIEU, 2012, p. 160).

Para Bourdieu (2012),

a estrutura do campo social se manifesta, assim, nos contextos mais diversos, sob a forma de oposições espaciais, o espaço habitado (ou apropriado) funcionando como uma espécie de simbolização espontânea do espaço social. Não há espaço em uma sociedade hierarquizada, que não seja hierarquizado e que não exprima as hierarquias e as distâncias sociais, sob uma forma (mais ou menos) deformada e, sobretudo, dissimulada pelo *efeito da naturalização* que a inscrição durável das realidades sociais no mundo natural acarreta [...]. (BOURDIEU, 2012, p. 160).

Embora, na PJPS, qualquer reeducando possa ter a posse e a guarda de valores em espécie, existem alguns atores neste cenário que possuem uma

remuneração mensal pelo trabalho que executam, o que os fazem detentores de um capital econômico e um capital simbólico frente aos seus pares. Eles são os reeducandos concessionados, que se intitulam como “os lá de cima”, “os trabalhadores”, “os gatos”. Os oitenta e cinco (85) reeducandos concessionados na PJPS formam um grupo diferenciado em vários aspectos, o que conseqüentemente lhes coloca em posições privilegiadas no jogo social da prisão.

O capital simbólico de um indivíduo (mas também de um grupo, de uma instituição, de um país, etc.) é definido pelo ‘olhar’ depositado (o ‘valor’ dado) pelo resto da sociedade sobre esse indivíduo (e, respectivamente, sobre esse grupo, essa instituição, esse país). [...] É, antes de tudo, o estatuto simbólico, em sua dimensão mais concreta, que corresponde ao fato de ser ‘reconhecido’ e ‘valorizado’ [...]. Tal reconhecimento assume formas mais ou menos institucionalizadas: pode-se integrar aí o estatuto reconhecido ao indivíduo como ‘cidadão’ e os diversos direitos associados a qualquer estatuto [...]. (LEBARON, 2017, p. 102-3).

Além da remuneração, um outro aspecto que adquire relevo entre os reeducandos concessionados que trabalham nos setores do primeiro andar é a aparência. Em sua maioria são jovens, brancos, bonitos, alguns com tatuagens que não remetem ao mundo do crime, cabelos estilosos, os que usavam barba tinham-nas bem cuidadas, pele e dentes bem cuidados, alguns usavam aparelho ortodôntico, muitos usavam acessórios (anéis, pulseira, cordão, relógio, cinto, carteira, etc.). Logo, não é possível percebê-los de imediato como pessoas privadas de liberdade, isso só é possível pela identificação na camisa que utilizam, onde está escrito o nome *reeducando* e o setor de trabalho. Esses detalhes dão forma a uma aparência que não se alinha, que se distancia de um *habitus* carcerário produzido nesse campo de simbolismos que é a prisão, um campo onde pessoas que, apesar de encontrarem-se em condição homóloga, são agrupadas em classificações sociais diferenciadas. As falas a seguir retratam esse aspecto:

Para trabalhar aqui em cima tem que ter boa aparência, né, a presença é muito importante, é como se fosse um trabalho lá na rua, quando você vai procurar um trabalho lá fora, você não vai de qualquer jeito, porque quem vai te contratar olha logo para sua aparência, se você vai fazer uma boa presença, aqui também é assim. Tem um padrão para trabalhar aqui em cima, a senhora pode observar, é todo mundo na mesma linha. (Reeducando, F).

No crime você fica rico e fica pobre o tempo todo, até cair e ser preso. Aqui quem trabalha é rico, tem seu dinheirinho todo mês, vai ter seu pecúlio

quando sair, tem mais regalia, pode receber uma visita num dia que não é de visita, se alimenta melhor, pode comprar na cantina, pode com autorização pegar uma refeição no refeitório, pode ter na sua cela TV e som, pode organizar melhor porque vai ter condições para isso. Outra coisa importante é que tem mais acesso pra falar com a psicóloga, assistente social, advogado, médico, dentista. Agora a real é que se não andar direito fica pobre no outro dia, perde tudo. (Reeducando, C).

Se partimos do entendimento e reconhecimento que existe um *habitus* carcerário que engendra o cotidiano daqueles que habitam a prisão, a partir da incorporação de disposições (atitudes, gestos, linguagem verbal, linguagem corporal, etc.) próprias desse campo social, entendemos que os reeducandos concessionados procuram se distanciar ou não ativar as disposições que dão forma ao *habitus* carcerário.

Para Bourdieu (1989), o *habitus* como disposição incorporada depende essencialmente da posição do agente no espaço social, tem relação com a trajetória pessoal do agente e ainda com o capital específico que ele possui em determinado campo simbólico.

Vejamos a fala de um reeducando:

Os que trabalham são os lá de cima, os gatos, os reeducandos concessionados; os privados de liberdade, os que não trabalham, são os lá de baixo, os ratos, os maloqueiros". Aqui tem uma certa divisão, a gente que trabalha o nosso contato é mais com quem é igual a gente, que tem os mesmos pensamentos, as mesmas atitudes que a gente, as conversa lá de baixo é diferente demais e a gente tem uma outra posição aqui dentro, somos trabalhadores, se a senhora andar lá por baixo, nos pavilhões vai ver logo a diferença entre a gente aqui de cima e os lá de baixo. (Reeducando, F).

Um outro ator que se destaca no jogo social da PJPS é o representante de pavilhão, também chamado de *chaveiro*. Ele é um reeducando concessionado que ostenta um *status* social, um estilo de vida que irá diferenciá-lo dos seus pares, até mesmo dos outros reeducando concessionados que trabalham nos setores do primeiro andar da Unidade Prisional. O relato a seguir revela o quão complexa é essa teia social que se move com fluidez por cada canto, capturando os jogadores, definindo seus times, estabelecendo posições e limites. Estar no posto de Representante do pavilhão (*chaveiro*) é jogar em dois times, o dos pavilhões e o da Administração da Unidade Prisional, pois, além de necessitar da confiança e do

reconhecimento da Direção da Unidade, é preciso ser também um “considerado” dos privados de liberdade, é como caminhar no fio da navalha.

Aqui na prisão é como se fosse num jogo que vai durar até o dia da liberdade, todo dia é uma partida que dura 24 horas, em cadeia não se dorme, cochila. Tem que saber jogar, aqui se joga em dois times, o lá de cima e o aqui de baixo, e nesse jogo tem que estar sempre um passo na frente. (Reeducando concessionado, C).

É no dia a dia dos pavilhões que o sentido do jogo no campo social da prisão pode ser compreendido em profundidade, pois é na rotina cotidiana dos pavilhões que as classificações sociais se impõem e determinam qual o espaço e quais os limites para cada privado de liberdade. De acordo com Bourdieu (2009),

tentar aprender as regras do jogo [...] da distinção segundo as quais as classes sociais exprimem as diferenças de situação e de posição que as separam, não significa reduzir todas as diferenças, e muito menos a totalidade destas diferenças, a começar pelo seu aspecto económico, a distinções simbólicas, e muito menos, reduzir as relações de força a puras relações de sentido. Significa optar por acentuar explicitamente, por fins heurísticos, e ao preço de uma abstração que deve revelar-se como tal, um perfil da realidade social que, muitas vezes, passa despercebido, ou então, quando percebido, quase nunca aparece enquanto tal. (BOURDIEU, 2009, p. 25)

Os campos, segundo Bourdieu (1989),

são os lugares de relações de força que implicam tendências imanentes e probabilidades objetivas. Um campo não se orienta totalmente ao acaso. Nem tudo nele é igualmente possível e impossível ao acaso. Entre as vantagens sociais daqueles que nasceram num, está precisamente o fato de ter, por uma espécie de ciência infusa, o domínio das leis imanentes do campo, leis não escritas que são inscritas em estados de tendências e de ter o “sentido do jogo”. (BOURDIEU, 1989, p. 114)

A prisão é um campo social no qual o poder pode ser sentido por toda a parte. Na PJPS não é diferente; nesse campo social, o poder económico e o poder simbólico imperam. Nesse aspecto, a figura do representante do pavilhão (chaveiro) torna-se emblemática, ele está no topo da hierarquia do Pavilhão. Na fala de um dos representantes de pavilhão: “o chaveiro é o Delegado do pavilhão”. Vejamos as falas seguir, que retratam outros elementos intrínsecos ao poder, como: estratégias, alianças e autoridade:

Tem que fazer alianças para ter autoridade, vou lhe dar alguns exemplos, nessa cadeia aqui tenho mais ou menos uns duzentos homens por mim e

no meu pavilhão tenho uns cinquenta, se acontecer um B.O. [Boletim de Ocorrência] com um privado de liberdade maloqueiro que quiser me derrubar, eu tenho aqueles irmão de fé que fecha comigo, que vão vim em cima do maloqueiro e esse daí não vai enfrentar cinquenta homens no peito, tenho proteção, aí o pavilhão não vira. (Reeducando, L)

Se um maloqueiro fizer algo que ele sabe que não pode, ter drogas sintéticas como comprimidos ou outra substância que não seja maconha, usar telefone celular que não seja para falar com a sua família e usar para organização ações criminosas fora ou dentro do presídio. É simples, descobriu as regras do Presídio ou de convivência do pavilhão, eu imediatamente chamo ele e converso, dou uma chamada e dependendo do caso dou uma única oportunidade, agora tem casos mais graves que aí eu anoto o nome dele, mando ele arrumar as coisas e digo que o nome dele vai apara a Direção. O chaveiro é o Delegado do pavilhão, chaveiro tem muita responsabilidade, tem que ter um jogo de cintura para ficar bem com a Direção e com os irmão de cela. (Reeducando, L)

Nas palavras de Bourdieu (1989),

[...] num estado do campo em que se vê o poder por toda a parte, [...] é necessário descobri-lo onde ele se deixa ver menos, onde ele é mais completamente ignorado, portanto, reconhecido: o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que lhe estão sujeitos [...]. (BOURDIEU, 1989, p. 7-8)

Na PJPS, dezesseis (16) reeducandos são representantes de pavilhão (chaveiro), tendo em vista que a Unidade Prisional conta com dezesseis (16) pavilhões. No jogo social da Prisão, eles reúnem capital econômico e capital simbólico frente aos seus pares, o que consequentemente os revestem de poder – poder simbólico na medida que representam uma parcela considerável de reeducandos, estabelecendo regras de convivência, mediando conflitos, estabelecendo punições e agilizando demandas junto aos serviços ofertados na PJPS, motivo pelo qual são identificados entre os pares como chaveiro – poder econômico, pois os representantes de pavilhão também são donos da cantina do pavilhão que representam, o que lhes proporcionam uma posição privilegiada no campo social da PJPS e uma centralidade nas relações capitalistas, pois reúnem um maior volume de capital (dinheiro em espécie). Além da remuneração pelo posto de trabalho, movimentam um comércio (cantina) de venda de mercadorias que não são ofertadas pela Unidade Prisional, porém indispensáveis para se viver com um pouco de dignidade. Os donos da cantina também determinam o valor de venda de cada

mercadoria, formas e prazos para pagamento e ainda punição para aqueles que não honram com o pagamento.

No campo social da prisão, a posse de dinheiro e de mercadoria são sinônimos de segurança e, sobretudo, de poder, e isso implica em privilégios para aqueles que os detêm. Entre eles, podemos citar a mobilidade para além do pavilhão, pois não ficam confinados durante todo o tempo, acesso e comunicação direta com aqueles que estão investidos do poder institucional, melhores condições de habitabilidade e possibilidade de estabelecer uma relação trabalhista, ainda que precária; em algumas cantinas, existe um reeducando que trabalha como ajudante, ele é convidado pelo dono da cantina para lhe auxiliar, sendo remunerado pelo trabalho.

A cantina é um dos espaços que materializam a estratificação social na estrutura social da PJPS, marcando diferenças entre aqueles que têm posses para comparecer nesse mercado de consumo e os que não dispõem de recursos; estes representam o outro lado da moeda, aqueles que já não possuem sequer seus próprios corpos e nem mesmo podem satisfazer algumas vontades permitidas, submetidos e submergidos em um campo social que despersonaliza o ser humano desde os primeiros momentos do ingresso.

Vale ressaltar que as mercadorias que são comercializadas na prisão, inclusive nas cantinas, para além da lei da oferta e da procura, passam por um sistema que denomino de preço/valor/novo preço; tem uma relação direta com quem tem a posse da mercadoria, com a necessidade de quem deseja adquirir e ainda com a finalidade (lícita ou ilícita) que a mercadoria terá.

Na prisão tudo é escasso, logo, qualquer mercadoria terá um preço elevado, as mercadorias comercializadas nas cantinas não fogem a essa máxima. Nelas, são comercializados produtos de higiene pessoal, limpeza, lanches, cigarro e pequenas refeições, entre outros permitidos pela Direção da PJPS. Ademais, também são vendidas fichas para partidas de sinuca e *videogame*; o lazer na prisão também tem um custo. Diante do exposto, podemos afirmar que a cantina centraliza grande parte das relações capitalistas, o que reforça o poder do pequeno grupo que explora esse comércio.

As condições de habitabilidade também retratam a estratificação social na PJPS; no tocante a moradia, existem duas denominações: celas e barracos. A moradia do representante do pavilhão é diferenciada, tanto com relação ao espaço, quanto com relação à variedade e à qualidade de objetos encontrados. No interior da cela, o espaço da área térrea é todo ocupado pelo representante do pavilhão, para os demais reeducandos o espaço destinado é na laje, a qual se tem acesso por uma escada improvisada e encravada na parede do banheiro da cela. Em uma cela na qual adentramos, essa laje tinha quatro (04) pequenas divisões. Nesse espaço, não é possível uma pessoa ficar em pé, espaço sem nenhuma iluminação nem ventilação natural, onde cabe apenas um colchão de solteiro e alguns poucos objetos; são os barracos, espaços insalubres que se assemelham a pequenas cavernas.

Outro aspecto que também representa a estratificação social na PJPS é o modo como os reeducandos conseguem interagir com seus pares no interior da Unidade Prisional, e com o mundo extramuros. Um reeducando desprovido de recursos financeiros provavelmente pertencerá a uma família com condição semelhante, isso implica em um comparecimento menos frequente nos dias de visita, pois, chegar até a Unidade Prisional gera um custo, e dependendo da localidade onde os familiares residem, poderá até torná-las inviáveis; a possibilidade de envio de correspondência (carta) também tem um custo, com papel, envelope, selo e o serviço do Correio, terão que contar ainda com a boa vontade de servidores da Unidade Prisional, que poderão ou não enviar a correspondência; como é sabido, na prisão nada é de graça.

Afora as limitações impostas pelos poucos recursos ou ausência desses, temos ainda as barreiras físicas que restringem a interação entre reeducandos de pavilhões diferentes do qual habitam. No entanto, embora a vida na prisão seja agreste, existe espaço para a solidariedade. Vejamos a seguir a fala de um reeducando:

Aqui a gente tem uma espécie de solidariedade, aqueles irmãos que tem mais condição ajuda os irmãos que não tem, e tem muitos nessa situação, tem os que chegam só com uma muda de roupa, sem colchão ou um velho demais, aí a gente se junta para ajudar. Um dá uma coisa, outro dá outra. Tem aqueles irmão que não tem visita, esses aí só Deus mesmo na vida

deles, e aqui tem muitos nessa situação, que não tem dinheiro para comprar na cantina um lanche, um produto pra sua higiene, um produto de limpeza, aí a gente se juntam e compra. Agora se um irmão desse for pego trocando ou vendendo o que recebeu de doação, esse daí não recebe mais ajuda, dependendo pode até levar uma camada de pau, mais só se for algo mais grave. Quando quebra uma coisa na cela ou fica velha demais a gente se reúne pra comprar ou consertar. Agora também tem aqueles que não querem saber de ajudar os irmão, que só querem saber de si, cadeia tem de tudo. (Reeducando, S)

No tocante à interação entre os reeducandos, o lazer tem um papel importante, no entanto, para aqueles com poucas posses ou nenhuma, só lhes restará o lazer na Quadra Poliesportiva no dia destinado ao seu pavilhão, e as demais atividades – sinuca, vídeo game, baralho, dominó, dama e xadrez – terão um custo. Para participar dessas atividades, é preciso comprar fichas que são vendidas na cantina do pavilhão. A exemplo disso, a ficha para uma partida de sinuca custa R\$ R\$ 1,00, para jogar vídeo game por 02 horas o valor é de R\$ 2,00, o jogo de baralho é com aposta entre os participantes, não sendo possível o pagamento ser realizado posteriormente – antes de iniciarem uma partida, os participantes precisam apresentar o valor da aposta.

No jogo social da prisão, o capital econômico e o capital simbólico agem como uma mão invisível entre a população de privados de liberdade e se materializam nessa teia de relações sociais complexas por meio da estratificação social que impõem; não são limites físicos que separam privados de liberdade e, sim, sociais, ou melhor dizendo, são as possibilidades de estabelecer relações capitalistas no campo social da prisão.

4. CONCLUSÃO

Diante do exposto, a partir das reflexões elaboradas, evidencia-se na Penitenciária Juiz Plácido de Souza um campo de produção simbólica, que produz e reproduz classificações sociais; suas ressonâncias reverberam por todos os cantos e dão os contornos desse tecido social formado por muitas dobras.

As condições objetivas de existência dos reeducandos se materializam por

meio de suas possibilidades em comparecer nesse mercado de consumo, que alimenta a engrenagem que movimenta a microeconomia da PJPS. O capital econômico e o capital simbólico acumulados possibilitam a um pequeno grupo ostentar estilos de vida diferenciados, em detrimento de uma grande maioria que irá experimentar a crueza do encarceramento em todas as suas dimensões.

Para além das relações capitalistas que se estabelecem no espaço das cantinas, pela remuneração da força de trabalho dos reeducandos concessionados e pela prática do escambo, tanto na dimensão objetiva, concreta, digo, pela troca de mercadorias, mas também na dimensão subjetiva (troca de favores), as falas de alguns deles sinalizam a existência de relações capitalistas que não se dão na superfície, que passo a denominar de subterrâneas, as que não podem ser vistas, as que se movimentam no silêncio das celas. Entretanto, não foi possível apropriarmos em profundidade de seus meandros, pelo menos não no momento, este é um tema hermético, não se adentra nele com facilidade, é preciso estabelecer relações de confiança para penetrar em algumas camadas e conhecê-lo.

Nesse mundo de tempo lento, uma sociedade periférica resiste, submetida e submergida em um tecido social sinuoso, estratificado e hierarquizado, no qual se estabelecem relações capitalistas que urdem a microeconomia na Penitenciária Juiz Plácido de Souza, mas, não apenas, definem as posições, limitações, privilégios e regalias de cada ator no jogo social da prisão. Por fim, convidamos a todas e todos, que tiverem acesso a essa leitura, à reflexão.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.

_____. **A miséria do mundo**. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

_____. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. 7 ed. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 1989.

_____. Quelques propriétés des champs. In.: **Questions de sociologie**. Paris: Minut, 1980. p. 113-120.

BUFFARD, Simone. **Le froid pénitenciaire**: l'impossible réforme des prisons. Paris: Seuil, 1973.

DIAS, Cláudia Augusto. Grupo focal: técnica de coleta de dados em pesquisas qualitativas. **Informação & Sociedade**: estudos. João Pessoa. v. 10, n. 2, p. 141-148, 2000.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramalhe. 31. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

LEBARON, Frédéric. Capital (Verbetes). In.: CATANI, A. M. et al. (Orgs.) **Vocabulário Bourdieu**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017, p. 102-103.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa Social. In: MINAYO, M. C. S. (Org.) **Pesquisa Social**: Teoria, Método e Criatividade. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

MORGAN, David L. **Focus group as qualitative research**. London: Sage, 1997.

SOUZA, Jessé. A Gramática Social da Desigualdade brasileira. In.: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo v. 19, n. 54, p. 79-96, 2004.

SOUZA, Jessé. **Ralé brasileira**: quem é e como vive. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009

WACQUANT, Loïc. **As prisões da miséria**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

WOLFF, Maria Palma. **Antologia de vidas e histórias na prisão**: emergência e injunção de controle social. Rio de Janeiro: Lumen Júris, 2005.